

porcionar um prazer especial. Astutos como cientistas podem e precisam ser em relação a seus objetos de experiência, ligaram a canaleta de água a uma fraca corrente elétrica. Além disso, instalaram sobre a canaleta uma lâmpada de mesa, de 60 watts. Como os platielmíntios são muito sensíveis à luz, acusavam cada vez o impacto, ao ser a lâmpada ligada. Entretanto, depois de os dois cientistas terem repetido, durante diversas horas, este jogo de ligar e desligar a luz, os vermes não mais tomavam conhecimento da constante mudança de claro para escuro. Certamente, haviam compreendido que não representava perigo de vida; à claridade simplesmente seguia a escuridão, e vice-versa. A seguir, Thompson e MacConnell uniram o estímulo da luz com um leve choque elétrico, que atingia os animaizinhos sempre um segundo depois da exposição à luz. Se os platielmíntios já tinham passado a ignorar o estímulo da luz, agora se contraíam novamente, reagindo ao choque da corrente elétrica.

Concedeu-se aos animais da experiência uma pausa de duas horas, antes de submetê-los novamente à "tortura". Ficou então provado um fato interessante. Os vermes não haviam esquecido que, após a claridade da luz, viria o choque elétrico. Contraíam-se após a exposição à luz, ainda quando o choque esperado deixava de seguir.

Em prosseguimento, os dois pacientes pesquisadores cortaram os platielmíntios em pedacinhos e esperaram um mês, até que as partes se regenerassem e assumissem a forma de vermes completos. Depois, voltaram às canaletas de ensaios e, novamente, a lâmpada entrou em funcionamento, sendo ligada e desligada, com intervalos irregulares. Thompson e McConnell fizeram uma descoberta admirável: Não só as partes que continham a cabeça e haviam regenerado a cauda, mas também as partes da cauda, que haviam formado um cérebro, se contraíam, face ao choque elétrico esperado, e que não vinha.

Que havia acontecido?

De que forma as recém-formadas partes da cabeça tinham recebido a memória a respeito do choque elétrico?

Ter-se-iam verificado processos químicos em células armazenado-

ras das "velhas" memórias, que transmitiram a experiência adquirida às células de formação nova?

Foi exatamente isto. Se um platielmíntio "sem experiência" devora um semelhante "com experiência" ele adquire de sua vítima as qualidades "transmitidas" a esta. Experiências realizadas em outros laboratórios, conduziram à verificação de que, por meio da implantação das células de um animal, ao qual se tenham transmitido certas habilidades, estas continuam ativas no corpo do outro animal. Assim, por exemplo, ensinaram-se ratos a comprimir certa tecla vermelha se quisessem chegar à sua comida. Tão logo os animais participantes da experiência dominavam perfeitamente a sua tarefa, eram sacrificados, retirando-se de seu cérebro um extrato para injetá-lo na cavidade abdominal de ratos não ensinados. Já após algumas horas, os ratos não ensinados manipulavam a mesma tecla vermelha quando queriam comer. Experiências feitas com peixes dourados e coelhos confirmaram a suposição de que o saber adquirido pode ser passado de um corpo a outro, através de um processo biológico-químico, mediante a transferência de certas células.

Parece não haver mais dúvidas hoje de que as lembranças são armazenadas em moléculas de memória e que moléculas ARN e ADN retêm e transportam conteúdos de memória. Em metódico prosseguimento destas pesquisas, a humanidade poderia, num futuro não remoto, ter a possibilidade de não mais perder, com a morte de uma pessoa, o saber e as memórias, que ela tenha acumulado, conservando e passando adiante seu patrimônio intelectual.

Será que ainda veremos golfinhos inteligentíssimos, "treinados" para pesquisas, executando tarefas em postos submarinos?

Será que veremos macacos, cujos cérebros foram "programados" para manobrar máquinas de construção de estradas, executando importantes serviços?

Na minha opinião, é preciso ter mais coragem para pôr em dúvida a imaginável realização de arrojadas possibilidades, do que para contar com elas seriamente.

Provas científicas de que inteligências estranhas ao nosso planeta já em tempos remotíssimos sabiam concretizar tais manipulações, ainda não existem. Todavia, cientistas de renome, como Shklowsky,